

669 190

180

4

Os limites de um garimpo

* JOANICE PIERINI

Quando os índios cinta-larga invadiram a Usina Hidrelétrica de Juína, em janeiro do ano passado - e os olhos da imprensa se voltaram novamente para aquela cidade do Nortão que na década de 70 havia sido uma das regiões garimpeiras de maior movimentação do Brasil -, imaginei que todas as histórias que os antigos moradores contavam, sobre milhares de pessoas em busca de enormes pepitas de diamante, eram apenas exagero de quem tentava se gabar de tempos considerados gloriosos.

Um ano depois, quando na Reserva Sararé, dos índios nhambiquaras, em Pontes e Lacerda, presenciei homens com as pernas enterradas na água lamacenta - e com as vidas enterradas na esperança - e pude entender que aquelas descrições do ano anterior não eram exagero, e na verdade significavam apenas uma parte de todo um contexto complexo e deprimente. Foi preciso ver pra crer, que de fato existem homens, e milhares deles, capazes de deixar suas casas, filhos e mulheres, para viajar quilômetros em busca da riqueza anunciada.

Garimpo é sinônimo de puro limite, onde é tênue a distância entre a miséria absoluta, e a maior das riquezas, o

ouro. Vivendo em barracos de lona preta, expostos à malária, com uma comida de péssima qualidade, sem água potável pra beber, os garimpeiros convivem diariamente com histórias e "colegas que fazem 300 quilos de ouro em um ano" e que, se sabem "aplicar", se transformam em donos de casas e carros confortáveis. Na proporção, eles são a minoria, mas funcionam como mola propulsora para incentivar os demais a continuarem com as pernas enterradas na água e vivendo em barracos de lona preta.

Para a maioria, resta outra realidade. Mandar dinheiro pra família, colocar os filhos na escola e tantos outros sonhos que são unânimes, quase por ironia, são enterrados na dura realidade da rotina. O pouco que é ganho acaba sendo gasto com bebidas e prostitutas "pra esquecer" como foi difícil o dia. Os "visitantes" que vem de fora, e não fazer parte daquela cultura, insistem em dizer que "dinheiro de garimpo é maldito", assim como o das cartas de baralho. Os garimpeiros juram que não, e estão dispostos a continuar "jogando".

(*) Joanice Pierini é repórter de Política, esteve na Reserva Sararé, e escreve excepcionalmente hoje nesta coluna.